



HISTÓRIA

OS MÁRTIRES IRLANDESES NO SÉCULO XVII



O GRANDE INCÊNDIO DE LONDRES / A.D.

MATTHEW BRUTON

DO AUTOR / *LE SEL DE LA TERRE* 90

TRADUÇÃO DE LETÍCIA FERREIRA DA COSTA

Recomendamos a leitura do artigo “Os Mártires irlandeses do Século XVI”, do mesmo autor, traduzido e publicado na Revista Permanência 271.

A perseguição que se iniciou no reinado de Henrique VIII na Inglaterra se estendeu pela Irlanda e continuou até o século XVIII. Neste estudo, o leitor deve levar em consideração um aspecto particular da história da Irlanda: enquanto, em outros países, as autoridades e a população, ou aderiam todos ao protestantismo, ou permaneciam todos católicos, a Irlanda enfrentava a difícil posição de ser governada por estrangeiros cismáticos e heréticos, enquanto o povo permanecia católico. Assim, os irlandeses sofreram uma intensa perseguição que buscava abalar a perseverança na fé que São Patrício, no século V, lhes havia transmitido. Todos os meios foram empregados, desde restrições legais até brutalidades físicas, mas os irlandeses deram mostras de um heroísmo exemplar.

Após um breve resumo histórico, apresentaremos os principais mártires da primeira metade do século XVII. Em seguida, deter-nos-emos mais particularmente no período em que o puritanismo (um ramo do calvinismo) tomou o poder, e veremos os mais importantes mártires tanto dessa época quanto da época seguinte.

A IRLANDA DO SÉCULO XVII

No início do século XVII, a Irlanda mais uma vez estava em guerra contra a Inglaterra. Uma dessas guerras trouxe numerosas vitórias para os irlandeses; no entanto, o resultado final foi a derrota da Irlanda, e o exílio dos líderes e de muitas famílias nobres. Seguiu-se então uma época de dominação completa e tirânica dos ingleses sobre os irlandeses. Uma das primeiras medidas do governo inglês foi a expulsão de milhares de católicos de suas terras, principalmente

do norte da Irlanda, e o estímulo à vinda de colonos protestantes, ingleses ou escoceses, a quem se deram essas terras. Os protestantes permanecem no norte do país até os dias de hoje¹.

Enquanto continuavam as perseguições contra os católicos, iniciou-se uma nova rebelião irlandesa, em 1642, com a particularidade de que, desta vez, a Igreja é que a organizava. O Papa a apoiou e chegou a enviar o núncio João Batista Rinucini, arcebispo de Fermo. Infelizmente, a insurreição foi derrotada.

Após o assassinato do rei Carlos I, em 1649, instaurou-se um novo governo na Inglaterra, controlado pelos protestantes puritanos, cujo líder era Oliver Cromwell. Juntamente com seus companheiros, Cromwell nutria um intenso ódio contra os católicos irlandeses. Perseguiu-os, até 1660, numa das mais terríveis páginas da história da Igreja.

Carlos II, filho de Carlos I, subiu então ao trono. Durante os reinados de Carlos II, Jaime II e Maria II, as perseguições continuaram e a lista de mártires aumentou. O último foi o Fr. Gerald Fitzgibbon O.P., em 1691. A partir de então, as perseguições físicas cessaram; no entanto, ainda vigoravam as leis severas contra o clero e os católicos.

OS PRIMEIROS MÁRTIRES

Dom Cornelius O'Devany

O primeiro mártir que apresentamos é Cornelius O'Devany, bispo da diocese de Down e Connor. Originário do norte da Irlanda, tornou-se franciscano aos vinte anos e foi designado bispo aos quarenta e nove, por Gregório XIII, em 1582. Capturaram-no em 1611 e o julgaram em Dublin sob falsos pretextos, sofrendo denúncias de testemunhas perjuras. Ao final, seus adversários lhe acabaram revelando as verdadeiras intenções e disseram que lhe poupariam a vida se abandonasse a religião católica e abraçasse o anglicanismo. A estas palavras, ergueu a voz e chamou todos os cristãos para testemunharem que ele preferia morrer em defesa da sua fé católica.

De volta à prisão, passou o tempo meditando e rezando, até o dia da execução, em 1º de fevereiro, na festa de Santa Brígida, patrona da Irlanda. Quando o conduziam à morte, junto com outro padre, Patrick O'Lochran, disse a este último: “Venha, meu caro companheiro, nobre soldado de Cristo,

1 O norte da ilha é hoje a Irlanda do Norte, país integrante do Reino Unido, e é protestante, ao contrário da República da Irlanda, que compreende todo o resto da ilha, é independente e católica. [N. da T.]

imitemos o máximo possível a morte daquele que levaram ao patíbulo como um cordeiro ao abatedouro”. Em seguida, inclinando-se e beijando a trave posta sobre o cavalo que o carregava, montou e percorreu as ruas até o cadafalso. No percurso, a multidão de católicos invadia as ruas e, de joelhos, pedia-lhe a bênção, o que causou grande indignação do representante do rei.

Quando o bispo chegou ao local onde estava montado o cadafalso, pediu ao algoz que executasse seu companheiro antes dele, pois temia que ele, vendo-o morto, perdesse a coragem. O carrasco lhe recusou a graça, mas Patrick O’Lochran tranqüilizou o prelado.

No momento em que Dom Cornelius se aproximou do cadafalso, os gritos da multidão se intensificaram. Por três vezes rezou: primeiro, pela multidão presente; segundo, pela cidade de Dublin e por todos os católicos do reino, para que servissem a Deus fiel e piedosamente; finalmente, rezou pela conversão dos heréticos. No instante em que o enforcaram, a multidão lançou um grito de angústia. Houve em seguida um profundo silêncio.

Morto, o rosto ainda lhe brilhava. Os algozes lhe cortaram a cabeça, retiraram as entranhas e deitaram fogo nelas. Ele foi enterrado junto com o outro padre na igreja de São Tiago de Kilmainham².

Pe. Peter O’Higgin O.P.

Até 1649, contam-se pelo menos cento e nove mártires, cujos arquivos ainda existem. Entre eles, há um arcebispo, três bispos, dezessete franciscanos, nove dominicanos, três jesuítas, três cistercienses e três carmelitas.

Entre esses, destacamos o Pe. Peter O’Higgin. Ele era prior do convento de Nass, no sudoeste de Dublin e foi preso pelos heréticos. Um mensageiro, vindo em nome do Vice-Rei, assegurou-lhe que o libertariam caso abandonasse a religião católica. O padre contentou-se em responder:

Estou hoje a ponto de ser conduzido ao patíbulo e todo mundo sabe muito bem que a natureza humana não aceita a morte voluntariamente. Não estou cansado da vida a ponto de querer antecipar a morte, a não ser que a necessidade me obrigue. O Vice-Rei dignou-se enviar-me uma promessa escrita de próprio punho, pela qual me concede a

2 ROTHE, David. *Analecta Nova et Mira de Rebus Catholicorum in Hibernia pro fide et religione gesti*, Colônia, 1616-1619, p. 456 e *Historiae Catholicae Iberniae*, pág. 298. Disponível em www.archive.org.

escolha livre e total entre a vida e a morte, para que, por amor à vida, eu abandone minha religião.

Pouco depois, no momento da execução, a mensagem do Vice-Rei foi-lhe novamente apresentada e ele a segurou, sorrindo. Os heréticos rejubilaram pensando que ele abandonaria sua religião, mas o padre subiu os degraus do patíbulo ainda mais alegre e à multidão dos católicos presentes disse:

Caros irmãos, membros da Santa Igreja Católica Romana. Desde que caí nas mãos destes heréticos aqui presentes, suportei a fome, os insultos e a prisão em lugares sombrios e repugnantes. Não sabia por que padecia tais penas e se iria receber a coroa do martírio; pois não é a pena, mas a causa dela que faz os mártires. O Deus Todo-Poderoso, que protege os inocentes e dispõe de todos com doçura, conduziu as coisas de modo que hoje eu fosse condenado por professar a religião católica, quando na verdade me acusam de crimes contra as leis deste reino. Eis a prova autêntica de minha inocência, uma carta assinada pelo Vice-Rei oferecendo-me a vida e ricas recompensas se eu abandonar a religião católica. Que Deus e os homens sejam testemunhas de que rejeito firmemente e sem hesitação tais ofertas e que voluntariamente e com alegria entro neste combate professando a fé.

Ele lançou a carta a um amigo e pediu ao algoz que procedesse à execução. Enfim, num profundo suspiro, disse: *Deo gratias*, e morreu.

A IRLANDA DURANTE O GOVERNO DOS PURITANOS: O PERÍODO MAIS NEGRO DA SUA HISTÓRIA

Desolação geral

Em 1641, de uma população de 1.466.000 habitantes, 1.240.000 eram católicos; em 1659, restavam apenas 420.000³. Como em todo período de guerra, é difícil saber em detalhes o que acontece com as populações. Sabe-se, no entanto, que 60 mil irlandeses foram vendidos como escravos por Cromwell,

3 Catholic World, vol. VIII, 1869, pág. 849.